

O dom e a dádiva: Os caminhos de um aprendiz

“De mim você pode fugir, mas de Deus, não! Você tem um dom!”

Entrevistada frustrada porque interrompi nossa conversa.

Frequentei diariamente o Largo da Carioca no Rio de Janeiro anos a fio. Um sem número de vezes, entretive-me acompanhando a pregação evangélica, costumeira no local. O dia de Santo Antônio, 13 de junho, é uma oportunidade especial para tal empreendimento.¹ O Convento de Santo Antônio, do alto do morro homônimo, impõem-se a quem busca o céu com o olhar ao passar pelo Largo. Naquela data, fiéis católicos fazem fila no Largo, ao pé do morro, a espera da oportunidade de alçar os degraus do Convento, assistir a missa, fazer e pagar promessas ao Santo Casamenteiro.

A pregação dos evangélicos na praça, a poucos metros da fila de fiéis católicos, é particularmente virulenta nesse dia. O calor costumeiro do Largo aumenta consideravelmente ante as imagens de um inferno de chamas, enxofre, lágrimas e ranger de dentes que estaria reservado para os ali reunidos sob o sol, segundo os evangélicos, culpados do pecado da idolatria.

A violência tanto das palavras e imagens, assim como, das previsões de sofrimento eterno, despertava-me, ao mesmo tempo, repulsa e fascínio. A efusão dos fiéis evangélicos, dentro ou fora dos espaços reservados aos cultos, como no Largo da Carioca, talvez seja a característica que mais tenha me chamado a atenção, habituado à reza silenciosa e aos rituais comedidos do catolicismo.²

Quando cursava as disciplinas do mestrado em Ciências Sociais e já havia igualmente sido vitimado por alguns dos incômodos³ que me motivaram

¹ Veja sobre essa festividade Menezes (2004).

² Esse estranhamento é o mote a partir do qual Rolim (1987) constrói seu texto sobre o pentecostalismo para a Coleção Primeiros Passos.

³ Nas origens do processo que me trouxe até meu tema, estive o incômodo com a perspectiva pós-moderna sobre a subjetividade contemporânea. Segundo alguns dos autores que se identificam com tal pensamento, como Lazzarato (2006: 73), a identidade não deve ser vista como

inicialmente a construir o projeto que resultou, muitas idas e vindas depois, nesta dissertação, começou a trabalhar em minha casa uma nova faxineira, Núbia, residente em Ricardo de Albuquerque. Sabia da sua confissão religiosa mesmo antes de conhecê-la. Quem a indicou incluiu essa informação no breve relato que sobre ela nos fez.⁴

Durante os muitos meses em que convivemos não raro conversávamos sobre sua trajetória religiosa. Interessava-me o fato de haver transitado por diferentes denominações evangélicas passando, inclusive, pela Umbanda.⁵ Era perceptível que essa passagem pela Umbanda lhe causava desconforto e foi com muito esforço, meu e dela, que pudemos tocar no assunto algumas poucas vezes.⁶ Da parte dela, dispensar-me atenção, se por um lado lhe atrapalhava na condução dos seus afazeres, por outro lado, de alguma forma, lhe envaidecia. Muitas vezes se referiu a repulsa que sentia quando ignoravam sua presença, ao não lhe dirigirem palavra, em empregos anteriores. Talvez porque lhe dediquei atenção, mostrando-me interessado por sua história de vida, tenha tentado retribuir-me não só respondendo uma infinidade de perguntas, mas declarando haver identificado em mim o dom.

Interessavam-me as suas histórias porque vislumbrava nelas uma dimensão identitária.⁷ Como ela articulava suas experiências em diferentes igrejas, seus

uma essência, portanto, única, e sim como “uma multiplicidade de relações que não dependem nem do sujeito nem do objeto, mas que os constituem, que os geram, que os fazem emergir.”

⁴ Aparentemente, essa informação a distinguiria aos nossos olhos e garantiria que fosse digna de confiança.

⁵ Relatou ter sido criada na Assembléia de Deus. Passou pela Igreja Batista, por influência do seu pai. Costuma engajar-se em trabalhos voluntários na IURD. Freqüenta mais recentemente, por influência da irmã, a Igreja do Nazareno. Por influência da avó, passou ainda pela Umbanda, o que comentou após muito resistir. Segundo ela, sua avó, antes de falecer, com a saúde e o patrimônio debilitados pela “influência maligna” dessa religião, assim como ela própria, se convertera a Jesus.

⁶ Ela tocou nesse assunto, acredito, numa tentativa de criar uma identificação comigo. Ela percebeu, familiarizada com os rituais das religiões de matriz africana, que dispomos de alguns dos seus símbolos, pequenas estatuetas de Orixás, como objetos de decoração em casa. Acenou com sua experiência, então, como se a mostrar-me que havia um caminho para eu e minha família evitarmos o mal que o que ela interpretava como nossa devoção nos causaria.

⁷ Esse talvez seja o mais importante ponto da minha motivação pessoal para realizar tal projeto. Meu processo de individualização, meu ingresso na “comunidade dos adultos”, foi marcado pela Universidade, pois foi para estudar que deixei, não sem resistência, a casa da minha família na pacata Niterói. Esse deslocamento representou para mim uma mudança de identidade em múltiplos níveis. Afastado das referências familiares tornava-me independente, agnóstico e economista. Durante a faculdade estive em contato amiúde com as teorias marxistas. Fui influenciado pela idéia da identidade de classe por oposição, em particular, à identidade religiosa. A discussão de outros padrões de identificação e, portanto, de solidariedade, iniciada pela leitura

motivos e explicações, assim como os rituais pelos quais passara, ou não passara, a cada etapa da sua trajetória deixavam transparecer as mudanças, nuances e oscilações tanto do seu compromisso, ou a falta dele, com os diferentes códigos de conduta e obrigações de cada igreja,⁸ quanto da descrição que fazia de si mesma.⁹

Bem mais tarde, através da Núbia iniciei meu contato com a Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque. Por ela fui apresentado para o Pastor Paulo Henrique que, muito simpático, saudou-me com os cumprimentos de praxe para em seguida por a mão sobre a minha cabeça como que numa benção. Para as demais pessoas que acompanharam nossa conversa afirmou estar “lisonjeado” com meu interesse pela sua congregação.

Durante o primeiro culto que assisti, o Pastor fez-me ficar de pé e apresentou-me à congregação. Incluiu na sua fala tanto as minhas credenciais quanto meus propósitos. Terminou minha apresentação com as seguintes palavras, para a vibração e aplauso geral: “Que Deus te abençoe. Você é muito bem-vindo aqui. Tá bom? Fique à vontade da forma que Deus colocar em seu coração. Tenho certeza, Eduardo, você está entrando aqui como um estudante, mas você vai sair um servo de Deus.”

Algumas vezes, durante o trabalho de campo, fui interpelado por meus interlocutores com convites para participar de diversos eventos ligados à Igreja, não raro, seguidos de exortações para que me fizesse presente, porque me sentiria bem ou que deveria fazê-lo porque tenho um dom. Uma das fiéis que entrevistei, mais idosa, identificou em mim, emocionada, o que ela chamou de “um dom ministerial muito forte”.

Foi-me ficando claro no decorrer do campo que, mesmo sem intenção, pelo menos inicialmente, estabelecia uma troca com meus entrevistados. Mostrava-me interessado nas suas histórias de vida e, em troca do relato que me

de Habermas, ainda na faculdade de economia, fez da questão identidade uma das minhas mais persistentes curiosidades. Atualmente esse tema ressurgiu, na medida em que minha identidade como economista foi-se alterando para acomodar aquela de cientista social.

⁸ A questão do consumo de álcool servia sempre como uma espécie de marcador. Com igreja, sem álcool. Com álcool, sem igreja.

⁹ Coisas como: “Eu era *terrível* antes de entrar para a Igreja!” Os itálicos informam a ênfase diferenciada com que a palavra “terrível” era proferida.

ofereciam, lhes dava a oportunidade de articular e, em certa medida, reviver as emoções que sentiram. Às emoções despertadas pela reconstrução dos seus passados, que a experiência das entrevistas lhes permitira, responderam com uma contra-prestação¹⁰, a identificação do meu dom. É claro que o proselitismo comum nas igrejas cristãs, em particular, naquelas de origem protestante, faz parte da explicação para profecia tantas vezes repetida. Mas não só. Ouvi-los era minha oferta, o dom a recompensa. Espero que o que puder produzir, no que se segue, faça jus ao que me ofereceram e, com isso, possa servir-lhes de retribuição. No mais, posso apenas desejar, emocionado, que Deus lhes pague.

¹⁰

Como no circuito da troca-dádiva, descrito por Mauss (2003).